ODE AO ÓDIO

pamela maria
@brutadistra

contato, dúvidas, críticas, ofensas, contribuições e convites para macarronada: alemap@riseup.net

$ão Paulo, Bra$il.
outono
2020

dedicada com cariño à isa, ju*r*iana y anna
por terem ascendente em áries e por me deixarem
odiar o mundo perto y junto de vocês.

o nome daquele sentimento estranho de estar com uma pedra no sapato, mas não parar pra tirar porque se está atrasada pela quarta vez essa semana tornando a manhã dessa quinta-feira já longa demais, contando que ainda são 7h19 da manhã, é capitalismo.
e já não bastasse ser uma segunda-feira de 16° e chuva, ainda tenho que andar rápido com meu tênis duvidoso meio ao medo de escorregar em alguma tampa de metal e cair, já que estou em cima da hora pra chegar no trabalho.
o nome daquele sentimento estranho de detestar botar sua digital numa luz vermelha e recolher um papel que diz que você não foi rápida o suficiente é capitalismo.

[desenho: eu subindo o último beco antes de chegar no portão do prédio onde trabalho,
na minha mão o celular acusa: 8h06min]

o nome daquele sentimento estranho que tantas vezes te impede de curtir o final de um domingo com Sol já que se está adiantando o pensamento doloroso de que amanhã é segunda-feira, é capitalismo.
e todas as vezes que você acordou numa folga correndo achando que estava atrasada e/ou acordou numa terça-feira achando que era domingo e desligou o despertador tranquila com meio sorriso no rosto, foram armadilhas da sua mente, cansada e acostumada com uma vida regrada ao relógio-despertador.

odeio despertadores na mesma proporção que odeio o capitalismo
odeio o capitalismo na mesma proporção que odeio acordar cedo todo dia
odeio acordar cedo todo dia na mesma proporção que odeio ponto eletrônico
odeio ponto eletrônico na mesma proporção que odeio o patriarcado.

alguém escreveu em algum muro de algum lugar e galeano leu: *eu não quero sobreviver, eu quero viver*.

ode ao ódio III

a gente não quer, mas a gente odeia — às vezes a gente quer sim. odeia as tatuagem, o que jeito que fala, onde já foi, principalmente o que pensa – y consequentemente o que faz. a gente odeia sim. odeia y parece rivalidade feminina. odeia y parece manha ou ciúmes. odeia y parece gratuito. mas não é. se tem uma coisa que é, é caro. a gente odeia até a tranquilidade. a simpatia y a polidez que aprenderam bem. às vezes odeia e nem pá. olha pro lado, muda de assunto, vai mijar. outras vezes odeia mesmo. do peito latejar. eu odeio e não ligo. não me faz mal odiar. o ódio alimenta a classe de baixo e nos faz mais fortes, mais convencidas y confiantes. odiar o que vem de cima nos dá autoestima às vezes. ganas pra lutar.

[o nome pode ser ode ao ódio ou áries pobre. escrevi pensando nesse povo que ostenta drinque de vinte conto no rolê “alternativo”. nesse povo que viaja pras europa e fala “mas aqui é brasil” dando de entender “aqui posso tudo”. esse povo que organiza “som legal”, mas sempre “esquece” de questionar, racializar e tornar acessível financeiramente. esse povo que pensa várias coisas sobre política na bolha de amigas da mesma cor e classe. o nome pode ser ode ao ódio ou áries pobre]

FEMINISTA COM EMPREGADA DOMÉSTICA?

I
É guerra e é terror: lá estamos.
cantando.
As mãos trêmulas de antes se dissipam.
Ombros na altura dos meus olhos seguram minhas mãos
Somos corda pulsante.
Na certeza do estrago, resistimos.

II

*
aos que insistem no silêncio, eu pergunto, onde se localizariam na História?

III
Lava o medo da tua pele
Conta dois sétimos de lua
Na tarde do segundo dia
Se pinta pra guerra.
Arruda no cabelo.

[“escrito pra lavar o medo” sobre o segundo ato contra o aumento das passagens de ônibus e metrô, $P, Janeiro de 2016. https://www.youtube.com/watch?v=qhTZSYhUemY]

----

me afundo em respiro breve narina com lama, mas lama da metrópole.

respirar se tornou um fardo, mas não é pra sempre.

irremediável mesmo só o ódio que fervilha meu corpo,

na cabeça grinalda de chifres em fogo-flor

caótica neurótica herética histérica

cria do patriarcado não, sobrevivente.

meu desobedecer é tão frequente quanto seu hálito quente boa noite meu bem.

----

ariana [sem juana]

sigo inspirada por sebastiana

[s

mas escorrego escorpião em água funda

coração pique mangue

da lama à lama e pouca iluminação

coração pique mangue

meto a mão

mas é loteria:

lama fértil ou lâmina

de caranguejo

mangueando em furto em pedido esmolando ou afundando memo

mangueio

roubando a vida que nos é roubada

vivendo

a milhão a milhão a milhão

por aqui nada caminha devagar

25 e já tô a milhão y a porrada vem muito mais forte do que eu aguento

na mente (sem silêncio) nos braços perna canela y pulmão.

sem silêncio: eu pouco tenho eu não ganho eu ainda não roubei.

PEDAGOGIA DO ÓDIO

ou pedagogia feminista do ódio

[um rascunho]

tenho pensado aqui a **pedagogia** como um processo complexo – e infinitas vezes dolorido – de aprendizagem y entendimento coletivo, onde por meio de troca de informações y experiências atuais y ancestrais, nos **refazemos.** o processo pedagógico é infinito y acontece o tempo todo por meio de conversas, leituras, aulas, caminhadas, reflexões, danças, carinhos beijos afeto, músicas, **discussões & brigas** e é sobre essas últimas que quero falar nesse texto.

a pedagogia do ódio vem sendo usada há anos como um dos caminhos possíveis para desenvolvermos em movimentos/coletivos políticos e de contracultura pedagogias que não repitam as lógicas de feminilidade, pobreza e racismo que sempre visaram o estacionamento das classes oprimidas e a compreensão dessas pessoas para com seus opressores. um leque muito grande se abre em relação as formas de uso desse ódio: discussão pública, escracho, carta aberta, exclusão, agressão física ou verbal...

a pedagogia do ódio fala basicamente sobre autodefesa individual e coletiva, mas antes queria dizer que a briga/discussão é extremamente rechaçada em diversos lugares da vida, principalmente quando você é uma mulher. socializada como mulher branca, me foi ensinada uma feminilidade onde mulheres recatadas, silenciosas, tímidas, são mulheres **boas** e o estereótipo de mulher barraqueira, respondona, esquentada (agravadíssimos quando essa mulher é uma mulher negra/indígena/racializada) estão aí para demarcar o que não poderíamos/deveríamos ser, mas a mensagem que está por trás dessa imagem é a ideia de que não deveríamos ter opiniões, não deveríamos nos impor, nem ocupar espaços de fala/ação e muito menos nos defender das porradas que esse mundo nos dá. a domesticação do patriarcado nos retira o poder de odiar as merdas que acontecem o tempo todo, e no lugar colocam culpa. nos sentimos culpadas

quando brigamos com alguém (quando temos ou não razão), nos sentimos culpadas por demarcar limites, nos sentimos culpadas e/ou ofendidas quando alguém discute conosco, nos ofendemos com brigas y discussões alheias. uma coisa muito comum na feminilidade branca é fazer o meio campo para que ninguém brigue/discuta: *vai ficar tudo bem eu entendo os dois lados discutir não leva a nada*.

e se por um lado, os movimentos de libertação atuais incentivam as classes oprimidas a lutar, é visível que essa luta deve ser feitas em moldes bem específicos para se manter "legítima". a deslegitimação das lutas vem muito mais rápido do que podemos piscar – e aqui não falo da crítica à direita ou central, mas de cada luta micro e macro que enfrentamos dentro da própria esquerda– a deslegitimação de um movimento negro que decide por espaços exclusivos é para muitas pessoas instantânea, assim como a violência encapuzada já foi alvo de vários setores da esquerda (y continua sendo, dependendo do momento político), onde inclusive chegou-se a orientar manifestantes *do bem* a entregarem black blocks para a polícia. movimentos feministas não-liberais também são lidos, de formas diferentes, como ilegítimos, a depender da frente em que atuam, sendo lidas como radicais demais, violentas demais, brigonas demais (p.e.: se é restrito a mulheres; se racha agressores/estupradores da cena; se criticam a heterossexualidade).

nesse texto penso o ódio como um jeito [dentre outros] de chegar mais rápido na solução: se conseguimos identificar logo quem são os opressores, quais são nossos limites quando eles são ultrapassados {y futuramente, antes de eles serem ultrapassados}, quais são as coisas inventadas pelos opressores para nos subjugar – e então nos livrarmos delas.

PAZ&AMOR?

os discursos de amor&compreensão ajudam as pessoas que estão estacionadas em suas próprias vidas – logo em seus óbvios privilégios – a permanecerem lá, se aconchegarem e muitas vezes isso torna o caminho de "desconstrução" mais longo, no sentido de que tornam as coisas mais "naturais". então fulana é racista porque a sociedade a ensinou assim (e não porque também é cômodo tirar lugar de pessoas negras/indígenas pra ela ocupar), e o processo de se responsabilizar pelos problemas gerados pela supremacia branca sempre serão nublados, nunca vistos em primeira pessoa, nunca em formatos afirmativos, cotidianos e principalmente palpáveis; o cara é machista, mas também é *oprimido pelo patriarcado*, veja só: somos todos vítimas (mas só uma parte mata [a cada 90 minutos no Brasil] as

pertencentes da outra parte), etc, etc, etc. faz alguns anos que decidi que se os homens não sentem empatia pelas mulheres “apenas” observando e presenciando as infinitas opressões que sofremos todos os dias, não será pela minha boca que eles se tornarão ““feministas”” porque no patriarcado não podem chorar, broxar ou sei lá mais o que.

sempre que repetimos que é com amor que convencemos nossos opressores a sair de cima de nós, estamos repetindo uma ladainha inventada por eles, escrita especialmente para **que as coisas se mantenham como são *para sempre*.** ninguém abandona tranquilamente seu papel privilegiado. é preciso cair/empurrar do pedestal para daí então construirmos algo justo e horizontal – e na minha experiência esse cair/empurrar é muitas vezes contínuo, assim como aprendemos racismo, misoginia, classismo, lgbtfobia, gordofobia, em doses (às vezes diárias, às vezes de hora em hora, às vezes o tempo todo), desaprender essas informações também será contínuo (ao menos por um tempo, se formos otimistas na mesma proporção que críticas e ativas).

paz e sublimação das opressões que sofremos são contos belos e falsos. ninguém gosta de ser pisada e nós devemos odiar nossos opressores ativamente – não só a ideia nublada de que a opressão é uma coisa ruim, construída há séculos e que paira sobre nossas cabeças: devemos odiar tanto a teoria quanto quem a pratica. devemos conseguir odiar os agentes dessas opressões, que são quem cotidianamente as eternizam. e não importa se esse agente é meu pai, o policial, amiga ou uma pessoa desconhecida da rua. qualquer pessoa que eterniza em suas ações a minha opressão deve ser odiada até deixar de fazer isso.

a ideia de que há nobreza quando, em uma luta por justiça social, pregamos o amor, as flores, a paz, a não-violência, é uma ideia de pessoas privilegiadas e/ou ingênuas. se jesus existiu e de fato disse que se deve dar a outra face para bater, então não me resta dúvidas de que era príncipe, filho único do Deus.

O AMOR NÃO VENCE O ÓDIO PORQUE NÃO SÃO EQUIVALENTES

amor e ódio não são faces da mesma moeda, não são antônimos. amar está em um pedaço da consciência/terra/corpo, acessa um lugar muito rico, poderoso e leve na gente, quando amamos estamos doando-recebendo o melhor de cada célula/energia dos corpos que trocam esse sentimento. o amor é sutil, espontâneo, leve. é uma troca profunda e alegre.

o amor não tem nada a ver com luta – por mais que possa inspirá-la de maneiras nunca pensadas. não se luta com amor, se ama o resultado que essa luta trará. quando quero derrotar o fascismo estou buscando liberdade e é a liberdade meu objeto de amor.

amor e ódio não são inconciliáveis quando estamos falando de justiça social, exatamente porque odiamos a injustiça e sua existência nos enfurece na mesma proporção que amamos a liberdade, a justiça e a autonomia.

AS ELEIÇÕES DE 2018 NO BRASIL

são uma ótima ilustração para esses escritos: o presidenciável favorito da população é abertamente misógino, LGBTfóbico, racista e classista. sustentadas pela ideia de que o que bolsonaro prega é ódio, as campanhas que surgiram para "conscientizar" a população do quão nocivo era esse homem, pregaram nada mais nada menos que: **amor.** "o ódio não vencerá" e outras frases desse efeito tomaram as redes, faixas, lambes e panfletos nas ruas. pouquíssimas pessoas se deram o direito de odiar esse homem abertamente, ódio foi sentimento quase exclusivo da direita nesse curto espaço de tempo, onde eu nem me reconhecia nem reconhecia as anarquistas que sempre estiveram caminhando ao meu lado nos últimos anos. estávamos todas assustadas. um medo terrível tomou a esquerda que cega decidiu que essa luta era do amor contra o ódio. mas: i) amor é um sentimento dúbio e no jogo político a direita também vai falar de amor, vai pregar amor à pátria, família e propriedade (inclusive pra quem não tem nada além da pátria) e é disso (além do mesmo medo) que o fascismo se alimenta; ii) ódio não é um sentimento que pertence a ninguém e como tento sustentar aqui, é um sentimento válido e nutridor de várias lutas da esquerda se estamos falando de disputa de discurso/território/sobrevivência, e obviamente usada no combate contra opressão de classes/supremacia branca/misoginia; iii) grande parte da população também odeia LGBTs, negras/os, indígenas, feministas, mulheres em geral, pobres, nordestinas/os.

não é e nunca foi uma luta do amor contra o ódio. é muito mais sobre como esquecemos/nos impediram de odiar **quem merece e precisa ser odiado** (e consequentemente esquecermos quem merece ser amada/o, ou pelo menos quem não dá motivo nenhum de ser odiada/o apenas por existir).

MATE SEU PATRÃO

essa ideia de paz&amor também me lembra uma ideia de que é possível ser amigo do seu chefe [e agora num oferecimento do Governo Federal do Brasil temos: “o trabalhador poderá negociar com o patrão”] e coisas como sinuca/video game/entretenimentos no ambiente de trabalho que fazem o trabalho ser legal. onde fica a guerra de classes? onde fica a ideia de que pertencemos a grupos (classes, afinidades, não só indivíduas vagando por aí num neoliberalismo violento)? onde fica a mais valia? não é loco pensar que nos adaptamos a ideia de que vamos trabalhar e depois morrer? e que as mais recentes políticas trabalhistas nos retiraram o direito conquistado com suor e sangue de nos aposentarmos? e que nem o ódio aos patrões podemos ter/temos mais?

também é sobre pedagogia do ódio quando nos permitimos e incentivamos as pessoas ao nosso redor a odiar nossos chefes e lutar pra construir autonomia.

mate seu chefe:

fisicamente;

mentalmente;

metaforicamente;

das suas horas livres (não pense nele!);

mate, mas se não puder, odeie seu chefe.

GUERRA DE CLASSES OU ANTIPUNITIVISMO?

é uma pergunta porque eu não tenho certeza se é possível escolher as duas coisas simultaneamente. então o que é antipunitivismo? um movimento que luta por justiça social e que faz essa leitura a partir da cor, classe e sexo que têm as pessoas vitimadas por um sistema gigantesco de punição, monitoramento, controle, aprisionamento e extermínio. essa descrição está totalmente de acordo com a ideia que eu tenho de justiça social e certamente é o cerne da guerra de classes. se análises de relações micro surgem dessa leitura, é justamente um espelhamento das relações que se construíram na estruturação do macro [p.e.: entender que a lógica punitivista está presente em

relações de amizade entre pessoas brancas e negras/ classificar como punitivo o modo como homens tratam mulheres em relações românticas, etc.] mas e o movimento que luta por relações interpessoais que não usem de ódio como resposta-proposta a maré violenta desse sistema estabelecido? como podemos classificar como “punitivistas” as atitudes de autodefesa e revide dessas populações que justamente vem sendo pisadas pela máquina patriarcal supremacista branca e capitalista? [p.e.: classificar como punitivista a mulher que denuncia o homem que a agride/ameaça, por recorrer à Justiça Estatal/ considerar punitivista a comemoração de pessoas negras quando uma pessoa explicitamente racista vai presa/é processada].

se você já leu o livro “Comunicação Não-violenta” do Marshall Rosenberg você sabe que ele usa exemplos absurdos para exemplificar conversas “não-violentas”: o policial que soube conversar com cidadãos de uma comunidade que queriam impedi-lo de prender um de seus companheiros; a mulher que é violenta quando pede pela divisão de tarefas da casa ‘do jeito errado’ e então aprende a *melhor maneira* de pedir no curso dele; a mulher que foi bem sucedida em convencer o homem que ia estuprá-la a não fazer isso, porque falou de maneira não-violenta... e antes que você se pergunte: ele não está falando sobre ser **estratégica** quando precisamos enfrentar um agressor.

COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA ENTRE PARES

quando terminei de ler o dito livro do rosenberg só conseguia pensar que era sim uma teoria massa sobre comunicação, sobre expressão, autoconhecimento, tem ideias muito legais sobre canais de comunicação e escuta abertos e atentos, **mas** que ao meu ver se aplica unicamente **entre pares**. não existe possibilidade de eu apoiar que mulheres devam se comunicar com homens de uma maneira X; não existe possibilidade de eu apoiar que pessoas negras/indígenas devam falar com jeitinho com pessoas brancas; nenhuma relação que envolva hierarquias estruturais deveria fazer com que as pessoas oprimidas pisem em ovos e se culpem mais uma vez por não falar “do jeito certo”. Inclusive essa ideia de “jeito certo/melhor articulado/diplomático” é baseada num padrão específico que as classes de cima inventaram/usam para se comunicar, e a demarcação de que essa é ***só uma das maneiras*** de se comunicar seria mais realista. querer nos enquadrar nessa forma de comunicar, como se outros jeitos fossem jeitos “errados/pouco articulados” vem de uma lógica bastante colonial que reforça a ideia de **história única**.

E só pra deixar um exemplo (que se aplica a várias outras opressões): Se você acha errado quando uma pessoa negra/indígena grita com alguém após um episódio racista, você está dizendo que gritar é pior que racismo.

POR QUE O ÓDIO?

o pano de fundo do porque acredito que o ódio pode (e muitas vezes deve) estar presente em processos cotidianos que poderiam ser pedagógicos, é a crença de que o ódio, a raiva, a fúria ou qualquer nome que damos a esse sentimento/energia, é extremamente frutífera e construtiva. destruir nem sempre é ruir, muitas novas e melhores construções podem surgir de explosões.

o primeiro ponto dessa defesa é: brigar cria ou deixa nítido os **limites** da pessoa ofendida. e como feminista defenderei primeiro e principalmente que consigamos ver, reconhecer, desenhar, demarcar e exigir que nossos limites existam e sejam respeitados em todas as nossas relações. se o mundo todo está acostumado a ultrapassar, invisibilizar, e não respeitar os limites que as pessoas têm [e quando digo "pessoas" eu não estou falando de homens heterossexuais brancos], é urgente que nós possamos brigar por eles.

uma coisa que venho observando é que compartilhar afeto nessas situações de discussão/briga nem sempre é ruim. quando a gente ofende alguém que gosta é mais fácil ver a ferida que causamos e nos compadecermos dela. é mais fácil também entender o que gerou a raiva porque a compreensão de *humanidade* (entendimento de que a pessoa ofendida e com raiva é complexa, tem uma história, traumas, vivências e lembranças) pode tornar mais simples a empatia.

o segundo ponto: existe um **recuo** dado pelas pessoas que ofenderam alguém e receberam como resposta a raiva/discussão/briga. ele pode, sim, gerar aqueles espaços onde *se pisa em ovos*, escolhe palavras, mas não necessariamente se pensa no que foi dito e causou o desconforto primeiro. em todos os exemplos que consigo pensar agora, nenhum invalida que esse **receio** pode ser positivo para a pessoa ofendida – mesmo que em alguns casos isso seja bastante penoso para quem ofendeu. então está ok a pessoa que foi misógina passar a escolher as palavras para falar com feministas; está bem a pessoa que foi racista não se sentir confortável em falar com pessoas negras sem pensar muito no que diz e etc.

isso pode gerar o que se chama de "brancas/os bem comportados" ou "feministos" [que só sabem se "comportar" quando estão na presença de certas pessoas], mas ao mesmo tempo penso que esse exercício de repensar/escolher palavras/pisar em ovos – quando se trata de pessoas realmente interessadas em mudar as coisas – é um exercício de aprendizado autodidata, que finalmente exime as classes oprimidas de serem professorinhas o tempo todo.

terceiro ponto: já partindo da ideia de que NENHUMA pessoa pertencente a classes oprimidas TEM OBRIGAÇÃO de ser professora de NINGUÉM, quero pontuar também que **ser pedagógica não é ensinar o bêabá**. se pesquisamos, pensamos, conversamos sempre sobre X opressão, isso não quer dizer que é nossa obrigação explicar da melhor forma/ na entonação agradável/ usando termos menos agressivos-explícitos. se estamos indicando autoras/textos/ideias entenda: isso já é **bastante trabalho**. e se em situações de discussão/briga as pessoas se despissem um tanto do orgulho e buscassem se abrir, muita coisa seria aprendida também nesses espaços onde são feitas críticas, posturas são pontuadas, sentimentos são expressados e se troca argumentação.

quarto ponto: me incomoda muito a ideia de que professoras/educadoras etc. são seres iluminadas que nunca perdem a linha/se enfurecem/discutem. a mensagem que se passa com essa ideia é de que educadoras são fadas infinitas e sempre saberão transformar magicamente ofensas/preconceitos/opressões em carícias que além de fazer cócegas também nos ensinam uma lição bondosa.

a proposta de pensar a pedagogia que a raiva pode ter é, também, uma proposta de rever a ideia de que ações pedagógicas são necessariamente bondosas/sutis/delicadas/amigáveis.

A LINHA TÊNUE ENTRE DAR RUIM E DAR BOM

fui/sou a amiga lésbica feminista que é sempre radical demais e se torna difícil demais, aquela que a amiga hétera não sentia mais conforto pra contar os conflitos que envolviam o boy porque eu sempre ficava brava com a situação e, por não compreender porque insistir numa relação assim, meus conselhos sempre giravam em torno de "não admita isso, termine tudo". [não que eu ache que esses conselhos estão errados, mas deve haver conselhos "melhores", no sentido de entender que quando envolve afeto – leia amor romântico/ apego/ aprovação masculina/ heterossexualidade obrigatória – as relações serão sempre complexas e é necessário ser estratégica, principalmente quando se trata de heterossexualidade].

{ao mesmo tempo, sempre haverá uma mulher em uma situação abusiva/opressiva que precisa desabafar com alguém que não vá julgar ela e que vá compartilhar seu ódio. é recorrente na minha vida conversar com mulheres que geralmente não falam mal de homens, mas na minha presença ficam muito à vontade e desabafam várias coisas. elas sabem que eu não vou julgar elas. conversar livremente sobre algo que te enfurece e não parecer louca é um dos caminhos para sanidade.}

no meu último emprego formal, onde fiquei mais de dois anos como educadora de uma turma mista de jovens, a relação com os meninos era bastante tênue e os conflitos sempre podiam gerar um afastamento total de qualquer pauta que defenda mulheres. isso tem relação direta com o nível de empatia que os meninos aprendem a ter em sua socialização – que é bastante baixo. mas isso me leva ao PONTO PRINCIPAL DA IDEIA DE UMA PEDAGOGIA DO ÓDIO: meninas precisam de bons exemplos de mulheres firmes, assertivas, que não deixam barato, que respondem, que sabem o que dizer, que se defendem e, sim, que agridem se acharem necessário. sempre que ficava com peso na consciência de ter dado uma broncona em algum menino que teve uma atitude/comentário misógino no meu trampo, eu olhava pro lado e via as meninas, várias infinitamente habituadas a misoginia, várias que sequer cogitam a ideia de se indignar, muitas outras indignadas e percebendo sua voz, seu corpo, tomando espaço. é pra elas que eu sou educadora, pra aprenderem a odiar seu lugar de subalternidade. a consequência é que os meninos perdem um pouco de espaço, aprendem (no conflito) que já não podem tudo, aprendem sobre limites na prática. é pras meninas que precisamos ser espelho: para elas **poderem** odiar os caras que, elas falando alto ou baixo, vão querer gritar com elas – e subjugar também e bater também.

MATE SEU ESTUPRADOR

"Minha prece para as mulheres do século XXI: endureçam vossos corações e aprendam a matar." (Andrea Dworkin)

FEMINISTAS BRANCAS E CLASSE MÉDIA DODÓI

se você é uma feminista pobre e/ou negra/indígena/racializada você já entendeu: sim, eu tô falando daquela colega branquíssima de classe média que no coletivo que cês construíam já manipulou várias situações com teoria política/feminista pra distorcer o próprio erro e jamais assumiu que errou. também tô falando daquela outra colega que foi agressiva com você/alguém igual você e conseguiu sair de boa porque ninguém consegue acreditar que aquela cara branca avermelhada e chorosa poderia ser autoritária com alguém. e também tô falando daquela outra lá que já foi denunciada, exposta, expulsa de certos espaços porque tem atitudes abusivas/manipuladoras/controladoras, mas que permanece nos espaços políticos cheia de feministas ao redor, mesmo sem fazer autocrítica ou ter supervisão de um grupo, por um único motivo: ela é branca e de classe média.

qualquer feminista racializada e/ou pobre que tenha essas atitudes será retirada dos espaços e jogada ao tão temido ostracismo, simplesmente porque mulheres negras/indígenas/periféricas/pobres são lidas também dentro do movimento feminista como **incivilizadas, barraqueiras, violentas e incultas.**

“você não entendeu o que aconteceu/o que eu disse” diz a feminista branca classe média com terapia em dia academicamente teorizada vegana zero lixo porque sua autoimagem de evoluída a faz acreditar tranquilamente que é possível convencer as pessoas de que na verdade **ela está certa**, porque talvez as outras não tenham a mesma *capacidade intelectual* que ela tem. “quando você ler x autora/livro/teoria vai concordar comigo”.

em situações de conflito feministas brancas de classe média podem agredir falando baixo, manipulando (inclusive com chantagem emocional), distorcendo, sendo passivo-agressivas, dominando o espaço de fala porque seguem padrões de discurso acadêmico, e não serão percebidas como agressivas. mas qualquer conflito que envolva uma feminista que não segue o padrão branca/feminina/bonitinha/fala baixo fará com que ela seja hostilizada/silenciada/estigmatizada porque a feminista que cobra, fala alto, é assertiva, fala gíria, etc. sempre é marginalizada pela segunda vez, agora dentro do movimento de sua própria libertação.

quando esse conflito é entre esses dois tipos de feministas vindas de classes-lugares-cores tão diferentes é absurdamente nítido a hierarquia existente entre nós: não importa que a branca acadêmica de sobrenome alemão errou e usou seu privilégio para se defender sem assumir o erro. se alguma feminista de quebrada cobrar responsabilização por sua postura ela vai a) chorar; b) teorizar sobre violência entre mulheres/ rivalidade feminina/ trashing[1]; c) discursar sobre como a mina na verdade não entendeu o que aconteceu; ou d) todas as anteriores. e já sabemos quem será acolhida e quem será a megera.

um dia eu tava construindo um evento grande com uma dessas feministas branca classe média dodói e ela, pra solicitar que uma feminista negra entrasse para a lista de agressores que não eram bem vindos no evento (!!!), começou seu relato dizendo: “todo mundo sabe como ela é né” e passou a contar várias situações desconexas com a história em si, para enfim poder afirmar que se tratava de uma barraqueira descontrolada que misturava remédios com álcool. [obviamente a mina não entrou na lista, que fique registrado].

---

[1] esse termo em inglês quer dizer algo entre “jogada no lixo” e “detonada”, e fala sobre como feministas destroem feministas assertivas/lideranças/destacadas por uma soma de questões muito complexas que envolvem rivalidade, aversão a hierarquias, inveja e misoginia internalizada. Esse texto muito importante de Jo Freeman traduzido para português [https://we.riseup.net/radfem/trashing-o-lado-sombrio-da-sororidade-jo-freeman] explica melhor o termo. Aqui o caso é diferente: ironizo como feministas com acesso a teorias tendem a distorcer ideias para que caibam em sua própria defesa.

é preciso odiar a feminilidade, mas só se for muito junto da ideia de branquitude e de classe média dodói, sorriso amarelo e panos-costas quentes, porque tudo isso foi inventado junto e pode ser desmantelado junto. e já que estamos falando de feminismo, vale lembrar que a feminilidade branca não cria as meninas/mulheres assertivas que precisamos para questionar e destruir o sistema patriarcal supremacista branco.

e rivalidade feminina também é sobre não conseguir ouvir críticas sem ficar achando que a outra quer te destruir/tomar seu lugar. rivalidade feminina também é sobre achar constantemente que a outra quer te atacar [e aqui cabe pensar profundamente que “a outra” que não tem a cor/classe/jeitinho padrão branco, só é vista enquanto **margem** porque a branquitude se vê como centro/neutro e, consequentemente, correto].

* * *

FIM

todas essas propostas/debates que falo acima não se aplicam a todas as pessoas, muito menos a todos os enfrentamentos possíveis que encontraremos na vida. em várias situações a raiva/ódio/fúria não se aplicam, e é isso: os conflitos são complexos. nos casos em que o enfrentamento direto é possível, ainda depende muito de quem você é y o quanto está disposta/saudável para isso. **a pedagogia do ódio é uma das cartas que pode estar na sua mão**, principalmente se você acredita em *diversidade de táticas*.

são ideias para usar, mas também (e sepá principalmente) para ajudar na leitura de situações cotidianas: às vezes a pessoa com quem você está discutindo está enfurecida – e isso não anula a possibilidade de ela estar com razão. no movimento feminista é muito comum entendermos **agressão** como um punhado de ações e posturas “padrão” que geralmente acontecem em relações entre homens e mulheres, mas é muito importante entendermos duas coisas:

- que a opressão, a agressão e a relação abusiva podem ser sutis, silenciosas, com fala mansa, com discurso bonito, com convencimento persuasivo, manipulação e embasamento teórico.

- que a fúria/ódio/raiva são sentimentos possíveis que habitam todas as pessoas e que portanto, são legítimos.

* * *

PS: esse texto não é acadêmico, quem escreveu ele não é da academia, pare de procurar os padrões da sua universidade aqui.

indicação/inspiração:

poema “brigo com minha namorada porque os fascistas querem me matar”, Raquel Salas Rivera

“memórias de plantação”, Grada Quilomba

“os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo”, Audre Lord (capítulo do livro Sister Outsider)

“leve sua culpa branca pra terapia”, Tatiana Nascimento

“como a não-violência protege o estado”, Peter Gelderloos

“pedagogia da autonomia” e “pedagogia do oprimido”, Paulo Freire

P E D A G O G I A D O Ó D I O

1) é pedagógico odiar e dar vazão ao ódio que pessoas oprimidas sentem;

2) é mais simples (o que não torna ilegítimo) odiar quem a gente não tem vínculo e está acima de nós nas hierarquias sociais;

3) é preciso mostrar pra pessoas próximas e/ou que estão misturadas nas hierarquias, que o que elas fazem nos machucam e/ou nos enfurecem de indignação;

4) é responsabilidade de todas as pessoas que se envolvem em movimentos sociais e contraculturais que se observem e sejam autocríticas sempre.

5) quem foi oprimida/ofendida/violentada tem legitimidade ao reagir/odiar/se enfurecer.